

O homem, esse desconhecido

EDNA MARIA DOS SANTOS

Professora de História da USU

Muito se aprende com a natureza. Com ela aprendi que cada ser tem um ritmo particular. O indivíduo tem que descobrir seu próprio ritmo sempre diferente e particular. Mas, ao mesmo tempo, só se pode falar de música com quem tenha descoberto o seu sentido cósmico. (Herman Hesse)

Se pelo meu próprio ser estou ligado a um ponto de vista particular, como tornar meu um ponto de vista total?

O ideal hegeliano de um Discurso que fosse não apenas sobre a Totalidade, mas também da Totalidade, revela de maneira plena a tentação contra a qual a filosofia clássica não soube defender-se, tentação de esquecer que todo Discurso é do homem, ainda quando intenciona outra coisa que não o homem, tentação de agir como se a individualidade concreta pudesse apagar-se totalmente. O Discurso total não passa de um sonho: toda palavra se prende ao ponto de vista particular que é o homem; mesmo quando falo sobre outra coisa, o ser humano intervém no discurso como um “não”, justapondo-se ao objeto do qual falo, mas simultaneamente como origem, condição de possibilidade e limite. A recusa do saber absoluto é igualmente inseparável da história da filosofia: é compreendendo esta que veremos a seriedade do pensamento contemporâneo: a onipresença do homem. O que se busca hoje é o retorno ao homem, não como um antropoteísmo, mas como uma renúncia ao Discurso absoluto alimentado pelos grandes sistemas racionalistas, como exemplo o hegeliano.

O próprio conhecer o homem e “conhecer-se”, no entanto, torna-se difícil. Nem a Psicologia, nem a Sociologia ou qualquer outra ciência humana tem acesso à totalidade do homem, ou antes ainda, cada uma é um conhecimento do homem na sua totalidade, mas segundo um ponto de vista determi-

nado. O fato de não existir um conhecimento capaz de mostrar a unificação de todos os conhecimentos relativos ao homem, para Georges Gusdorf, seria o sinal de que a unidade possível constituiu-se numa mesma e única preocupação, o elemento motor de todas as pesquisas.

Pensar o homem, ajudar o homem, torná-lo menos desconhecido! No essencial, basta admitir, em princípio, que o ser humano jamais se apresenta como coisa ou objeto e que só é atingível ao termo de um caminho reflexivo. O desenvolver ou “desenvolver-se” desse caminho é outra questão. Cabe à filosofia lembrar o caráter relativo dos conhecimentos positivos, e, por isto mesmo, diminuir do homem a ameaça que sobre ele faz pesar uma civilização onde o ser humano é reduzido ao estudo de objeto científico. Com efeito, só experimento minha liberdade em referência a um objeto que não esgota o campo do possível, nem cansa a minha faculdade de escolha ou adesão; sou consciente de entregar-se a ele na mesma medida em que ele, necessariamente, se me impõe; nele mais me reconheço, se me der possibilidade de outras escolhas. A objetividade científica necessita da valorização do ser humano para ser ela mesma valorizada. Para isso é preciso que se considere o homem (espírito-natureza, Apolo-Dionísio, total, global). A realização de tal reflexão suportaria um conagraçamento da comunidade humana do qual o universo político-social parece afastado em nossos dias. Projetos para essa reflexão (teóricos) não faltam. Propõe-se projeto interdisciplinar entre as ciências humanas, epistemologia da convergência, tentativas para a edificação de uma história do conhecimento humano enquanto relação global do homem com seu mundo, etc.

Entender o Homem, esse Desconhecido, continua sendo o problema. Não se pode encerrá-lo em sistemas concêntricos, fechados, rígidos. Cada homem é por si só uma experiência, algo que se encaminha. Não se pode entender só indivíduos, considerados como povos, nações, significando totalidades sociais iguais a Estados. Hoje com todo o progresso tecno-científico mais do que nunca é preciso dar valor a um projeto interdependente entre o cientifismo tecnológico e as ciências humanas, já que tudo existe em função do homem, o encoberto e o liberto, e *não há nada que fuja à descrição por meio de palavras, e que seja mais necessário apresentar aos homens, do que certas coisas que não têm aparência real e cuja existência não se pode comprovar, mas que, justamente pelo fato de indivíduos as tratarem como coisas existentes, são levadas a dar mais um passo em direção do ser e da possibilidade de nascer . . .*” (Herman Hesse)